

Paralisação atinge ambulatório do HBDF

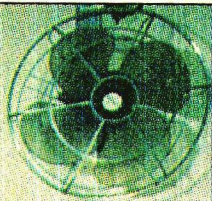
DF-Solide

Francisco Stuckert

10 OUT 1997

TAÍS BRAGA

JORNAL DE BRASÍLIA



Os médicos do ambulatório do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) fizeram uma paralisação de advertência ontem. Apesar da greve e de algumas reclamações, não houve tumulto. Os serviços de hematologia, oncologia e radioterapia, segundo o diretor do hospital, Rafael Barbosa, funcionaram normalmente. Além disso, os pacientes da psiquiatria foram atendidos para o aviamento de receitas.

A greve de advertência vem sendo realizada organizadamente pelos médicos com data definida para cada hospital da rede pública, como um indicativo de greve geral marcada para o próximo dia 16. No Hospital de Base, a paralisação do ambulatório fez com que os pacientes lotassem o setor de emergência. Os médicos têm uma longa pauta de reivindicação. A principal delas é o reajuste salarial.

Câncer - A agente de portaria Cida garantiu que os setores de cardiologia e otorrinolaringologia do hospital atenderam normalmente. "O Raio-X e o laboratório ficaram fechados", informou. A paralisação pegou algumas pessoas de

surpresa. Internado no Hospital Universitário de Brasília (HUB), o paciente Raimundo Moreira Reinaldo, 58 anos, tinha uma sessão de radioterapia marcada desde a semana passada. Ontem, quase não foi atendido.

Sua mulher, Maria Moreira Reinaldo, contou que precisou brigar muito para que a médica prestasse atendimento ao paciente. "Ele tem câncer no pulmão e já se espalhou para a cabeça", explicou. "Eu disse que era uma injustiça e a médica me mandou calar a boca, dizendo ainda que não era obrigada a atender. Que eu parasse de reclamar, caso contrário ela não iria fazer a aplicação", denunciou. "Eu disse que ela estava ali para atender as pessoas".

Indignada e irritada com a forma de tratamento, Maria ameaçou fazer uma queixa ao diretor do hospital e só então recebeu um pedido de desculpas por parte da médica, cujo nome ela não soube identificar. O paciente chegou ao HBDF por volta das 8h e só deixou o hospital perto das 13h, numa ambulância do HUB. Ainda nervosa, protestou contra o descaso que as autoridades estão demonstrando em relação à saúde das pessoas mais pobres.

Maria Reinaldo precisou brigar muito para que seu marido, Raimundo, conseguisse atendimento na radioterapia